

CORES

**Actas do VII Colóquio da Secção Portuguesa
da Associação Hispânica de Literatura Medieval**

Isabel de Barros Dias
Carlos F. Clamote Carreto

Capa de: Esperança Marques

Copyright © **UNIVERSIDADE ABERTA**

Palácio Ceia - Rua da Escola Politécnica, 147

1269-001 Lisboa

www.uab.pt

e-mail: cvendas@univ-ab.pt

DL: 320783/10

ISBN: 978-972-674-702-4

Printed by Publidisa

As cores e os seus códigos nos livros de cavalaria portugueses¹

Margarida Santos Alpalhão

CEIL - Centro de Estudos sobre o Imaginário Literário (UNL-FCSH)

Os livros de cavalaria enquanto objectos propriamente ditos apresentam, nas edições quinhentistas, uma variação cromática que oscila muitas vezes entre o branco amarelado do papel e o negro da tinta — excepção feita para algumas folhas de rosto com texto impresso a preto e vermelho² ou uma ou outra emissão³ de um determinado texto⁴, podendo mesmo socorrer-se de um tom avermelhado para sombrear o desenho da folha de rosto⁵, por exemplo.

Ao invés destes aspectos externos, o enunciado destas obras remete, em alguns casos, para uma paleta cromática bastante variada. É a estas cores, mais ou menos variadas e mais ou menos codificadas, que se dedicam estas páginas, partindo de duas obras portuguesas com edição quinhentista, a *Cronica do ... Palmeirim de inglaterra* de Francisco de Moraes e o *Memorial das Proezas da Segunda Tauola Redonda* de Jorge Ferreira de Vasconcelos, visando iniciar uma reflexão sobre possíveis códigos cromáticos presentes nos livros de cavalaria, e aproximando estes de outros códigos, em especial o heráldico, o cavaleiresco e o histórico-social.

Ao longo da leitura da *Cronica do ... Palmeirim de inglaterra* de Francisco de Moraes, o leitor apercebe-se de que o texto está repleto de cores que, umas vezes, se insinuam nas descrições de jardins, vales e florestas e, outras vezes, se encontram verbalmente mencionadas no detalhe de espaços construídos variados que os cavaleiros percorrem, tal como se encontram nas armas e escudos com que estes cavaleiros andantes se deslocam e com que entram em justas, torneios e batalhas. Essas cores encontram-se ainda no vestuário das damas e das donzelas de que Francisco de Moraes se ocupa paradigmática e

¹ Trabalho realizado com o apoio financeiro da FCT e do Fundo Social Europeu no âmbito do 3.º Quadro Comunitário de Apoio.

² Enquadra-se neste caso, por exemplo, o exemplar de [Moraes, Francisco de,] *Cronica do famoso e muito esclarecido e valeroso Palmeirim de inglaterra...*, Évora, André de Burgos, 1567, da Biblioteca del Cigarral del Carmen, Toledo (TO.BL.2-U3 NR 327), a cujo proprietário se agradecem as facilidades concedidas para o estudo do mesmo.

³ Para o conceito de emissão vejam-se os artigos: Ferrario de Orduna, Lilia E., «Variantes de edición y variantes de emisión y estados en impresos del siglo XVI», in M. C. Enterría e A. Mesa (ed.), *Actas del IV Congreso Internacional Siglo de Oro (AISO)*, tomo 1, Alcalá de Henares, Servicio de Publicaciones de la Universidad de Alcalá, 1998, nomeadamente p. 581; Lucía Megías, José Manuel, «¿Como editar textos impresos? Notas y comentarios para un manual», *La Corónica*, vol. 30.2, Spring 2002, em particular p. 289-90.

⁴ Assim acontece com o exemplar da edição de 1592 da *Chronica do famoso e muyto esforçado cavaleyro Palmeyrim de Inglaterra...*, Lisboa, António Álvares, pertencente à Real Biblioteca do Palácio Real de Madrid (I-C-88), cuja folha de rosto e respectivo cavaleiro é muito diferente das que apresentam os outros exemplares completos desta edição.

⁵ Como acontece com o exemplar da Real Biblioteca do Palácio Real de Madrid (I-C-89), uma emissão do texto de Diogo Fernandes, *Terceira Parte da Chronica de Palmeirim de Inglaterra, na qual se tratam as grandes caualarias de seu filho o príncipe Dom Duardos segundo...*, Lisboa, Marcos Borges, 1587.

significativamente, tal como se encontram em algumas descrições de cidades em momentos muito concretos da narrativa.

De equilíbrio e construção diferentes se revela a obra de Jorge Ferreira de Vasconcelos visto que o seu autor apresenta um enunciado com duas partes distintas no que às descrições de espaços, armas, vestuário e cidades diz respeito: a primeira destas duas partes corresponde à quase totalidade da obra (capítulos I-XLV) e a segunda parte corresponde em especial ao capítulo do Torneio de Xabregas, acompanhado dos dois que o enquadram (capítulos XLVI-XLVIII⁶). Com efeito, as descrições detalhadas abundam nesta segunda parte, não se encontrando com a mesma frequência ou detalhe nos capítulos anteriores. Este capítulo da obra de Vasconcelos deve, de resto, ser cotejado com uma carta de Francisco de Moraes dirigida a D. Leonor de Áustria (1498-1558), então viúva de Francisco I de França com o qual casara na sequência da viuvez ocorrida com a morte de D. Manuel I de Portugal, carta na qual este escritor faz o relato deste mesmo Torneio⁷. Veja-se então como estes textos revelam as cores nas suas descrições.

1. Uma heráldica literária quinhentista

Ao estudo da história das cores se tem amplamente dedicado o autor cujo texto deu mote ao tema do colóquio: Michel Pastoureau. A sua obra dedicada à heráldica literária medieval também não é pequena, recenseando nomeadamente as armas dos cavaleiros arturianos na obra *Armorial des chevaliers de la Table Ronde. Etude sur l'héraldique imaginaire à la fin du Moyen Age*. Aqui estabelece nove tipos de armoriais imaginários, incluindo os das figuras verídicas, das figuras bíblicas e do cristianismo, dos deuses das mitologias grega, romana, germânica e escandinava, de personificações diversas e dos heróis literários, europeus ou não⁸. Os cavaleiros andantes dos livros de cavalaria incluir-se-ão, no caso das duas obras portuguesas em análise, e por paralelismo com as classificações estabelecidas por aquele historiador, em dois tipos diferentes: os cavaleiros da *Cronica do ... Palmeirim de Inglaterra* são heróis literários enquanto os que participam no Torneio de Xabregas, incluído na obra literária de Jorge Ferreira de Vasconcelos, são figuras verídicas.

A obra de Moraes apresenta-se, do ponto de vista da descrição de armas e escudos, como um verdadeiro livro de armas recenseando mais de uma centena de exemplos (uma lista de ocorrências encontra-se em apêndice). Este conjunto faz, de resto, lembrar o *Livro das Armas* que D. Manuel I encomendara ao seu Rei d'Armas Portugal e este lhe apresenta datado de 15 de Agosto de 1509, livro este recentemente republicado⁹ e interessante a vários níveis. E este é apenas um dos três livros, relativos ao assunto que, entre finais de quatrocentos e

⁶ [Vasconcelos, Jorge Ferreira de,] *Memorial das Proezas da Segunda Tauola Redonda*, Coimbra, João de Barreira, 1567.

⁷ Miguel, António Dias (ed.), «Carta que Francisco de Moraes enviou a rainha de França em que lhe escreve os tor/neos, e festa que se fes em Xabregas era / de 155...», *Arquivos do Centro Cultural Calouste Gulbenkian*, XXXVII, 1998, p. 127-154.

⁸ Pastoureau, Michel, *Armorial des chevaliers de la Table Ronde. Etude sur l'héraldique imaginaire à la fin du Moyen Age*, Paris, le Léopard d'Or, 2006, p. 14-16.

⁹ *Livro do Armeiro-Mor* (com estudo de José Calvão Borges), Lisboa, Academia Portuguesa da História /Edições Inapa, 2007.

início de quinhentos, se conhecem ou que D. Manuel I encomendara¹⁰, aos quais deverá juntar-se a conclusão, entre 1515 e 1520, da Sala dos Veados ou Sala dos Brasões no Paço Real de Sintra¹¹. A verosimilhança de algumas armas apresentadas na prosa moraesiana é grande, nomeadamente quando as armas que descreve são comparadas com algumas das incluídas no *Liuro das armas* de 1509. A divergência encontra-se principalmente nos titulares desses brasões que, na obra de Francisco de Moraes, não têm existência real. Este aspecto corrobora assim os estudos de vários investigadores que vêm demonstrando um certo empréstimo entre História e Literatura no que diz respeito aos livros de cavalaria em particular¹² e de que Michel Pastoureau também dá conta, tanto relativamente aos nomes próprios como à heráldica, quando afirma:

si, au XIII^e siècle, auteurs et artistes ont souvent donné à des herós arthuriens des armoiries de familles véritables, à la fin du Moyen Age c'est parfois le phénomène inverse qui peut être observé¹³.

No caso das armas e escudos incluídos na *Cronica do ... Palmeirim de inglaterra*, pode adiantar-se que a sua descrição respeita, por norma, o que as regras da heráldica preconizam: os escudos não apresentam metais sobre metais – ouro (14 ocorrências: 8 vezes referido como amarelo, 4 vezes como ouro, 2 vezes como dourado) e prata (19 ocorrências: 12 como branco, 6 como prata e 1 como «argentaria») – nem cores sobre cores – azul (11 ocorrências), negro (26 ocorrências), roxo (3 ocorrências), vemelho (4 ocorrências como sanguin(h)o e 1 como vermelho) e verde (20 ocorrências). Acrescem a estas, as cores «pardo» (7 ocorrências) e «índio» (6 ocorrências) que servem também como cores de campo, ou base, do escudo e a primeira ainda como cor de armas. Sobre a primeira escreve Raphael Bluteau no seu *Vocabulario* que é «cor entre o branco, & preto, propria do pardal, dõde parece lhe veyo o nome»¹⁴. Hoje dir-se-ia portanto cinzento, cor que surge em várias das armas apresentadas no já referido *Livro do Armeiro-Mor*. Sobre a segunda crê-se tratar-se do indigo, cor originária da Índia, também usada em África¹⁵. Retomando, para concluir, as detalhadas descrições de armas e escudos que se encontram na *Cronica do ... Palmeirim de inglaterra*, refira-se que as figuras dos escudos ali apresentados também se enquadram no âmbito das apresentadas pelo referido *Livro do Armeiro-Mor*: as do domínio mitológico apresentam catorze ocorrências (grifos, fénix, sagitário, Cupido, Apolo, Marte,...), os elementos naturais doze (árvores, luas, céu, nuvens, Sol,...), os animais dez (tigre, leão, cão, cisne, touro,...), os seres humanos nove (dama, corpos, cabeças,...) e outros elementos sete ocorrências (objectos:

¹⁰ Freire, Anselmo Braamcamp, *Brasões da Sala de Sintra*, 3^a ed., Imprensa Nacional-Casa da Moeda, vol. 1, 1973, p. 7-21.

¹¹ Freire, Anselmo Braamcamp, *Brasões...*, p. 23.

¹² Martín de Riquer, *Caballeros Andantes Españoles*, Madrid, Espasa-Calpe, S.A., 1967, p. 168-170.

¹³ Pastoureau, Michel, *Armorial...*, p. 70. Para os nomes próprios ver p. 67.

¹⁴ Bluteau, Raphael, *Vocabulario Portuguez e Latino...*, Coimbra, Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 8 vols., 1712-1721, s. v. pardo.

¹⁵ Bluteau, Raphael, *Vocabulario...*, s.v. anil. Dalgado, Sebastião Rodolfo, *Glossário luso-asiático*, Hamburgo, Helmut Buske, vol. 1, 1982, p. 45 também faz equivaler o anil e o indigo.

torre, esfera¹⁶, cimitarra; sentimentos: esperança, tristeza, fortuna e letras). Refira-se de resto, por curiosidade, que a dama ou donzela servida pelo seu cavaleiro, na obra de Moraes, é frequentemente figura apresentada nos escudos «tirada polo natural» - expressão própria do retrato, então muito em voga, e que dá título a uma obra de Francisco de Holanda, de 1549: *Do Tirar polo Natural* – e que o *Livro do Armeiro-Mor* apresenta também a «Rainha Bramca»¹⁷ [de Castela?] retratada num escudo.

As armas e brasões que se encontram ao longo do *Memorial* ... de Jorge Ferreira de Vasconcelos revelam-se apenas parcelarmente, ou não são mencionadas. Assim, por exemplo, sobre o Cavaleiro das Armas Cristalinas diz-se que o rei «calçoulhe a espora» e uma donzela:

lançoulhe ao pescoço hum rico e assaz primo tiracolo de peças de prata, lauradas de Tauxia, com hũa espada metida em hũa baynha de cristal, & os cabos & punho do mesmo, sotilmente obrados»¹⁸.

Já outra personagem, um mouro espanhol, aparece anunciado com mais detalhe:

armado de hũas armas verdes (...) a lança atrauassada no arção, & no escudo que delle lhe pendia, em câpo verde hũa torre, de cujas ameyas caya hũa fonte com hũa letra que dizia. A fonte de fermosura, / que nesta torre se encerra, / contra amor sustenta guerra¹⁹.

mas a descrição de um gigante que combate com o Cavaleiro das Armas Cristalinas também se revela parca, nomeadamente quanto a colorido: «armado de pelles de onça & liões: & o escudo de setecouros de boy, qual dizem que foy ho de Ajax Telamonio. Na cinta hum largo cutelo que bastaua pera fender a dura penedia»²⁰.

De traçado diferente se apresentam todos quantos participam no Torneio de Xabregas, desde os sátiros e o selvagem que o anunciam ao Rei, passando pelos participantes neste torneio «de pé» até às figuras régias que a ele assistem. Em contraponto com as descrições antes apresentadas, aqui os detalhes e as cores abundam: quer quanto à «praya de Enxabregas»²¹, quer quanto aos actores do dito torneio ou mesmo ao seu público. Assim, por exemplo, D. António de Noronha, filho do depois 2.º Conde de Linhares, D. Francisco de Noronha, um dos jovens participantes no torneio, é apresentado desta forma:

mantedor do meyo, trazia armas brancas lauradas douro, & sobrelas coura de tafeta pardo bordada de torcidos de cetim amarelo, pardo & branco & forradas de telilha douro, & assi os altos das calças, & as meyas pardas, & os çapatos de veludo pardo, na cabeça hũa celada de tafeta pardo forrada de telilha douro, com huns golpes meudos, & per cima muytos botões & peças douro com suas medalhas & plumas, & desta sorte ho padrinho com seu elmo²²

¹⁶ Sobre a esfera, «espera» no texto, veja-se Bandeira, Luis Stubbs S. M., *Glossário Armeiro (Séculos IX a XIX)*, Lisboa, Fundação da Casa de Bragança, 1993, p. 94 e Bluteau, Raphael, *Vocabulário...*, s.v. espera.

¹⁷ *Livro do Armeiro-Mor*, p. 28.

¹⁸ [Vasconcelos, Jorge Ferreira de,] *Memorial*..., fl. 16r.

¹⁹ [Vasconcelos, Jorge Ferreira de,] *Memorial*..., fl. 22r.

²⁰ [Vasconcelos, Jorge Ferreira de,] *Memorial*..., fl. 24r.

²¹ [Vasconcelos, Jorge Ferreira de,] *Memorial*..., respectivamente fls. 218r e 219r.

²² [Vasconcelos, Jorge Ferreira de,] *Memorial*..., fl. 222v.

Assaz diversa, até no colorido, da descrição feita na carta de Francisco de Moraes, esta descrição não se isenta de cores, materiais, vestuário e adereços, num estilo bastante mais próximo daquele que se encontra na prosa moraesiana. Mas importa aqui acrescentar ainda que, além das armas brancas de D. António, os outros «mantedores» se apresentam com armas de «pardo» e «pretas»²³. Surgem depois, a espaços e de acordo com os combates que se vão fazendo, vários cavaleiros: um com armas «pretas douradas», outro «douro e preto» e outro com armas «douradas ao sinzel», dois com armas douradas, dois com armas verdes, seis com armas brancas, aos quais se junta o próprio Príncipe com armas também desta mesma cor²⁴. Neste texto descrevem-se também as couras que os cavaleiros usavam sobre as armas, como no exemplo acima se mostra, as quais os acompanhantes (padrinho, pífaro, tambor, pajem,...) apresentam de vários materiais (couro, tafetá, cetim, raso), mas muitas vezes da mesma cor que a do cavaleiro, contribuindo para o colorido geral do espectáculo: pardo, roxo (quatro ocorrências cada), «alionado»²⁵, amarelo (três), encarnado (duas), branco, azul, verde (uma), ou com cores misturadas (amarelo, pardo e branco uma, branco, verde e encarnado duas, amarelo e roxo duas). Importa salientar que, do conjunto de armas acima apresentado, se destacam numericamente as armas brancas, ou arneses brancos. Atendendo a que este torneio se realizou no dia 15 de Agosto, dia de «nossa senhora da Assumpção»²⁶ e atendendo às conclusões a que chegou Michel Pastoureau sobre os ciclos litúrgicos das festas e as cores que lhes foram associadas nos séculos XII e XIII, verificando que o branco é a cor das festas das virgens²⁷, parece relevante procurar encontrar alguma confirmação, em outros textos, para a hipótese que aqui se apresenta: a de que a cor predominante se poderá dever à data festiva escolhida. A menos que se trate de uma outra hipótese ligada aos rituais de iniciação dos cavaleiros, tendo em conta a idade de alguns dos intervenientes neste torneio: o Príncipe D. João tinha treze anos e D. António de Noronha catorze²⁸. Importa por fim dizer que, se nesta obra abunda a cor branca das armas, no texto palmeiriano abunda a cor negra das mesmas (26,63 %), ainda que secundada de perto pelo verde (18,18 %) e seguida pelo branco ou prata (17,27 %) e pelo azul (10 %). Ver-se-á em seguida como estas cores são assumidas pelos próprios textos e como são encaradas em termos sociais.

2. As cores dos rituais do cavaleiro

Já se registou acima a parca descrição do colorido da cerimónia iniciática do Cavaleiro das Armas Cristalinas na obra de Vasconcelos. A tonalidade das suas armas pode no entanto ser aproximado da cor branca se se tiverem em conta as conclusões a que chegaram tanto

²³ [Vasconcelos, Jorge Ferreira de,] *Memorial...*, fl. 222r-223r.

²⁴ [Vasconcelos, Jorge Ferreira de,] *Memorial...*, respectivamente, fls. 227r, 231v, 231r, 226r, 230r-v, 232v.

²⁵ Bluteau, Raphael, *Vocabulário...*, s.v. leonado: «De cor que tira a russo, como a do cabelo do Leão. Fulvus».

²⁶ [Vasconcelos, Jorge Ferreira de,] *Memorial...*, fl. 219r.

²⁷ Pastoureau, Michel, «Le temps mis en couleurs: des couleurs liturgiques aux modes vestimentaires (XII-XIII siècles)», *Bibliothèque de l'École des Chartes*, vol. 157, n.º 1, 1999, p. 117.

²⁸ Miguel, António Dias (ed.), «Carta que Francisco de Morais enviou...», p. 128.

Frédéric Portal²⁹ como Michel Pastoureau³⁰: ambos consideram que a luz, o brilho foi, ao longo do tempo, aproximado da divindade e da cor branca. O branco é, de resto, também a cor das armas dos «nouveis», na *Cronica do ... Palmeirim de inglaterra*, na cerimónia em que são armados cavaleiros e no torneio que se lhe segue. O autor assume claramente esta ligação quando escreve «Goarim sahio de armas brancas a maneira de nouel»³¹. De resto, a menção a esta cor de armas está, no texto, ligada a batalhas significantes: é armado de branco que Platir participa na batalha junta da torre de Dramusiando, o mesmo acontecendo a Daliarte do Vale Escuro e a Dom Rosirão de la Brunda ao participarem na batalha final. Também o Rei de Pártia assim sai vestido para a tomada de Constantinopla e, no seu caso, o texto é bastante claro quanto ao léxico alternativo ao adjectivo branco para designar a cor: «veo diferente dos outros com armas brancas linpas e luzentes sem nhũa composiçam»³².

A par da ligação entre a iniciação cavaleiresca e a cor branca, que se verifica também em outra obras³³, verifica-se uma outra ligação da cor a determinada situação, desta feita a cor negra.

O Cavaleiro Negro ou Cavaleiro das Armas Negras, ou seja Floramão, é designado daquele modo ao longo do texto por ser essa a cor com que regularmente se apresenta armado. É como «homem vestido de negro» que Palmeirim o encontra e é «armado darmas negras»³⁴ que batalham e, por elas e pela divisa que apresenta no escudo (a sepultura de Alteia, a sua donzela), lhe chamam também Cavaleiro da Morte. Negra é também a tenda que manda instalar em Constantinopla e, quando vencido, recebe a visita do Imperador Palmeirim com um roupão daquela cor. A escolha da cor deve-se ao «desgosto com que passava a vida»³⁵. Também como Cavaleiro Negro, ou das Armas Negras, se fala de Florendos a quem o amor por Miraguarda, e a indiferença desta, consome em tristeza. E Duardos, preso, apresenta-se «armado darmas negras semeadas de fogos e no meo deles huns corações ardendo, no escudo em campo negro a tristeza posta por tal arte, quella mesma insinaua seu nome»³⁶.

A cor negra é, portanto, para os cavaleiros, sinónimo de dor e sofrimento quando não de morte, atributos registados por outros estudiosos³⁷ em outras circunstâncias. Recorde-se,

²⁹ Portal, Frédéric, *Des Couleurs Symboliques. Dans l'Antiquité, le Moyen-Age et les temps modernes*, Paris, Treuttel et Würtz, Libraires, 1857. p. 35-42.

³⁰ Pastoureau, Michel, «Le temps mis en couleurs ...», p. 120-125.

³¹ [Moraes, Francisco de,], *Cronica ...*, respectivamente fls. 13r e 43r. Cita-se desenvolvendo abreviaturas; a nota tironiana T por e.

³² [Moraes, Francisco de,], *Cronica ...*, fl. 239v. As batalhas referidas situam-se nos capítulos XXXIII e CLXV.

³³ Em *Palmeirim de Oliva*, por exemplo, esta ligação é feita através da dádiva de um «manto blanco con flores de oro» ao protagonista aquando de tal cerimónia: *Palmeirim de Oliva* (edição de Giuseppe di Stefano), Alcalá de Henares, Centro de Estudios Cervantinos, 2004, p. 40.

³⁴ [Moraes, Francisco de,], *Cronica ...*, fls. 20v e 21r, respectivamente.

³⁵ [Moraes, Francisco de,], *Cronica ...*, fls. 97v. Vejam-se ainda os fls. 21v, 23v e 31r.

³⁶ [Moraes, Francisco de,], *Cronica ...*, fls. 11r. Sobre Florendos veja-se, em particular, o fl. 103r-v.

³⁷ Portal, Frédéric, *Des Couleurs ...*, p.175 e Pastoureau, Michel, «Le temps mis en couleurs ...», p. 117.

por fim, que a Fome monta o cavalo negro do *Apocalipse*³⁸. Outras situações, no entanto, se interligam com este simbolismo da cor negra.

3. Um código social da cor

A cor negra está associada à dor, ao sofrimento e à morte, como se viu a propósito dos cavaleiros, mas não foi sempre assim como se lê nas palavras de Michel Pastoureau:

Vers 1300, par exemple, si le blanc est bien, et depuis longtemps, la couleur dans laquelle on baptise les petits enfants et, si le rouge est déjà la couleur féminine du mariage (...), le noir en revanche n'est pas encore la couleur du deuil; il partage ce rôle avec d'autres couleurs sombres: gris, brun, violet et surtout bleu foncé³⁹

Veja-se, no entanto, que outras associações os textos quinhentistas de Moraes e Vasconcelos estabelecem com a cor negra. No caso deste último autor, quando o velho Guirménides pede justiça a Sagramor é assim introduzido pelo narrador: «apresentouselhe hum dia hum velho de autorizada presença, cuberto de luto, em sinal do que trazia na alma»⁴⁰.

A ausência à menção da cor que aqui se verifica permite pensar que tal referência era já desnecessária. Em contrapartida, na *Cronica do ... Palmeirim de inglaterra* encontram-se várias referências ao negro ainda que não se encontre mencionada a palavra luto:

vestidas todas de negro seus fermosos cabellos lançados atras, quebrados por muitas partes do pouco doo que suas donas ouueram delles, grande sinal da dor que sentiam: sobre seus ombros hũa tumba cuberta de seda negra que arrojaua pello chão. Tras ellas hũa dona encima dum palafrem, elle e ella cubertos dum pano daquela triste cor que as outras traziam Uinham em companhia quatro caualleiros anciãos vestidos da mesma sorte, ao parecer de quem os via tristes. (...) Primaliam se chegou aa tumba e leuando a borda do pano vio dentro duas velas acesas e no meo, sobre huns coxins de velludo auellutado negro, hũa estatua a maneira de homem tam natural como dom Duardos, que per vezes o pos em duuida se poderia ser aquelle. E vendo aquellas obsequias e maneira de tristeza que por elle se fazia, arrasaronse lhe os olhos dagoa, como quem nam tinha pequeno quinhnam naquella dor⁴¹.

Situação semelhante se verifica quando o Imperador Palmeirim morre:

O dia desta cerimonia e de seu enterramento toda Costantinopla sayo cuberta de doo, vestiduras negras e tristes. Assi o seguiram te o lugar da sepultura. Rasgaramse todas as bandeiras e insinias reaes, peças e cousas preciosas que auia na cidade, que trazidas aa principal praça junto do paço lhe poseram fogo e as desfizeram em cinza, cousa muito notauel feita ao modo antigo dos principes gentios. Primaliam em sinal de mayor tristeza mandou derribar as ameas de toda a cerca della te ygoalar com o muro: o mais se cobrio de panos negros⁴².

³⁸ 6, 5-6, *Bíblia de Jerusalém*, Nova edição revista e ampliada, São Paulo, Paulus, 2002, p. 2148.

³⁹ Pastoureau, Michel, «Le temps mis en couleurs ...», p. 132.

⁴⁰ [Vasconcelos, Jorge Ferreira de,] *Memorial...*, fl. 17v.

⁴¹ [Moraes, Francisco de,] *Cronica ...*, fls. 6v e 7r.

⁴² [Moraes, Francisco de,] *Cronica ...*, fl. 244r.

O mesmo acontece quando Floriano encontra Sortibrão o Forçoso, primo de Frisol, que três escudeiros levam numa «andas cubertas de um tapete negro»⁴³. Não parecem restar dúvidas de que o negro é a cor da morte, não apenas no âmbito cavaleiresco, pois as galés que chegam a Constantinopla, depois da destruição da cidade em batalha, também se apresentam revestidas por panos negros. Aliás, quando se sabe do desaparecimento de Duardos na floresta, até a cidade de Londres se veste de negro:

Os paços e casas principaes assi del rey como dos senhores estauam cubertas de panos negros: porque entam esta era a tapeçaria de que se todos guarneçiam. A cidade de Londres viuia em tamanho descontentamento que tudo parecia ajudar seu rey a sentir aquella dor⁴⁴.

Aliado ao negro do luto, verifica-se haver cores «honestas» segundo determinados parâmetros sociais. Escreve Francisco de Moraes⁴⁵:

¶ Recindos e Arnedos rey despanha e França tiraram armas conforme a sua hidade mais honestas que louças de morado e pardo a coarteirões, nos escudos em campo pardo liões rompentes.

¶ El rei estrelante, Belcar seu tio tiraram armas de negro e ouro, fortes e onestas porque nam auia muito tempo que el rey frisol e Ditreo eram mortos: nos escudos em campo negro huns aruores douro.

O negro «honesto», atributo com que de resto o assinala também Pastoureau⁴⁶, é ainda a cor do vestuário de muitas donzelas e damas na *Cronica do ... Palmeirim de inglaterra*: assim aparece a donzela de Argonida que anuncia a Pridos, na praia, que Duardos não morrera; a donzela que se queixa de Floriano na corte de Palmeirim de Oliva: «vestida ao modo ingres de hũa roupa de cetim auellutado negro e encima hũa capa curta de escarlata roxa, broslada de chaperia rica e louça»⁴⁷; as três donzelas que Palmeirim de Inglaterra acaba por casar com o Duque de Rossilhão e seus irmãos; a dama que pede socorro a Florendos para salvar o marido que lhe aprisionara outra dama, e outras ainda que não se detalham aqui.

Bem diversa destas situações é a chegada de Recindos e Arnedos por mar a Constantinopla quando vão assistir ao casamento de vários cavaleiros: «As naos principaes vinham cubertas de toldos ricos de panos de seda e ouro e as de menos qualidade doutros panos de cores broslados e cortados de muitos laços e galantarias»⁴⁸.

Tal como diverso foi o espectáculo a que parte da população de Lisboa assistiu no dia 15 de Agosto de 1550 e que deu origem às descrições literárias de espaços e trajos muito coloridos, dos quais acima se mencionou parte. Estas cores, quinhentistas, de que o azul parece ter passado a fazer parte, como acima também se revela, cotejam no entanto

⁴³ [Moraes, Francisco de,], *Cronica ...*, fl. 89v-90r.

⁴⁴ [Moraes, Francisco de,], *Cronica ...*, fl. 5v. Sobre as galés veja-se o fl. 251r.

⁴⁵ [Moraes, Francisco de,], *Cronica ...*, fl. 238v-239r.

⁴⁶ Pastoureau, Michel, *Une histoire symbolique du Moyen Age occidental*, Paris, Seuil, 2004, p. 156.

⁴⁷ [Moraes, Francisco de,], *Cronica ...*, fl. 15r. Sobre a donzela de Argonida ver fl. 4r, sobre os dois casos referidos após a citação: fls. 81v e 87r.

⁴⁸ [Moraes, Francisco de,], *Cronica ...*, fl. 215v.

com um mundo a preto e branco, como o nomeia Michel Pastoureau, no qual a Reforma e a imprensa têm a sua influência⁴⁹.

Não será apenas no século XVI, e certamente nem em todo o lado, que esta dicotomia de mundividências se torna tão notória, mas estas duas sensibilidades vão coexistir, com mais clareza dir-ser-á, após a centúria que aqui se analisa e de que os livros de cavalarias são, a um tempo, síntoma e testemunho: por um lado surgem novas (?) cores, por outro restringe-se a utilização das que se conhecem. É que apesar de se conhecerem as inevitavelmente coloridas encomendas régias dos Livros de Armas e da Sala dos Brasões de Sintra também se conhecem leis sobre a utilização de materiais e cores respeitantes ao vestuário autorizado. Data de 3 de Junho de 1535 uma lei sobre veludos e sedas, com a qual D. João III proíbe, entre outras coisas, dourados e prateados no vestuário, abrindo, no entanto, uma excepção para as damas da rainha que poderão ter «duas roupas de seda preta»⁵⁰. De 31 de Janeiro de 1539 data outra lei, segundo a qual os estudantes universitários deixam, entre outras coisas, de poder usar «laur branco nem de coor alguia em camisas nem lenços»⁵¹ e data ainda de 25 de Junho de 1560 a «Ley sobre os vestidos de seda, & feitos delles. E das pessoas que os podem trazer»⁵².

Para terminar, parece que efectivamente, e à parte outros significados que as cores adquirem, antes como depois de quinhentos, a cor também funciona como um código. Individualmente, na heráldica, como nas funções sociais, as cores são, antes de mais, um sistema aceite ou recusado, autorizado ou proibido, mas também participam de um conjunto de regras de que se pode dispor e que se pode alterar.

⁴⁹ Pastoureau, Michel, *Une histoire symbolique ...*, p. 135 e 159-170, respectivamente.

⁵⁰ *Ordenaçam da defesa dos veludos e sedas*, Biblioteca Nacional de Portugal (BNP), RES. 84A.

⁵¹ *Ordenaçam pera os estudâtes da uniuersidade de Coymbra sobre os criados. bestas. e trajos. e outras cousas*, BNP, RES. 84A.

⁵² Fundação da Casa de Bragança, Paço Ducal de Vila Viçosa, Biblioteca de D. Manuel II, Res. 114 Adq.

Apêndice⁵³

Cavaleiro, fólio	Armas	Escudo	
		Campo	Figura
Albaizar, 83v	verdes com esperas douro	verde	a Aue fenix com letras douro no bico em que leuaua o nome de targiana
Albaizar, 239v	verdes sementeas de esperança de sua vitoria	verde	hũa ymagem douro dos peitos acima, tirada ao natural de targiana, goarnecida de muita pedraria
Albanis de Frisa, 101r	verde e branco	branco	hũa espera douro que o tomaua todo
Albanis de Frisa, 126v	verdes	negro	hũa torre branca
Arnolfo, 184v	negro	[negro]	hũas chamas ardentes
Belagriz (como Maiortes), 18v	negro	lindiol	lhum cão pardo sem outra cousal
Belisarte, 96v	pardo e branco	branco	hum sagitario com hum arco nas mãos Outro: o vulto de dionisia filha del rey Desperte a quem seruia, tirada polo natural
Beroldo, 25r	de roxo com esperas verdes	indio	hũa espera da mesma sorte
Beroldo, 43r	negro e lagrimas de prata	negro	hum corpo espedaçado
Beroldo, 135r	verde e branco com pintassirgos de prata	branco	hũas letras negras que deziã Normandia
Beroldo (e Onistaldo), 239r	ubertas douro manchadas de negro ... elmos da mesma sorte	negro	fogos do mesmo ouro
Blandidom, 22v	folhas daço negras e ama-relas sem outra mestura	negro	um cirne branco
Blandidom (e Frisol), 239r	amarelo e negro a maneira de cunhas	amarelo	grifos negros crauados com rosas douro
Brandamor, 171v	encarnado com grifos de prata	verde	hum ceruo branco
Brião de Borgonha, 196v	fortes e louçaãs	azul	a esperança coroada de flores
Camboldão de Murzela, 34r	brancas e fortes sem nhũa louçainha	sanguinho	tres cabeças de gigantes
Cavaleiro, 204r	-	branco	o mundo
Cavaleiro de Polisia, 163v	prata e ouro a coarteirões	negro	um ceruo branco

⁵³ O nome dos cavaleiros é actualizado. O texto relativo a armas e escudo é citado pelo exemplar mencionado. Quando os cavaleiros são descritos conjuntamente (veja-se Belagriz, nesta página) ou quando o texto remete para cor antes mencionada (veja-se Arnolfo, acima), a remissão é assinalada entre parênteses rectos.

Daliarte, 135r	branco e pardo com extremos verdes	verde	Apolo pintado a maneira antiga
Daliarte (e Rosirão de la Brunda), 239r	brancas sem louçainha nhã	verde	Apolo
Dirdem, 43r	negro e amarello e grifos pardos por ellas	sanguino	a torre de Babilonia muito bem tirada pollo natural
Dragonalte, 136d	verdes e ouro a coarteirões	verde	copido preso com seu arco e frechas em pedaços: e elle lançado de bruços
Dragonalte, 138r	-	amarelo	o deos copido a maneira de ydolo, com os pes sobre hum caualleiro enuolto em sangue
Dragonalte (e Albanis de Frisa), 239r	roxo com passarinhos de prata	verde	o amor com hum caualleiro debruçado antelle e cos pes encima
Dramiante (como Onistaldo), 43r	lnegro, feitas de folhas daço a maneira descamas denuençam noual	lazull	hum ceo estrelado
Dramusiando, 199v	ouro e branco	prata	hã espera feita pedaços
Dramusiando, 239r	folhas daço muito fortes	-	daço com uns debruns do mesmo que o faziam mais rijo
Duardos, 11r	negras semeadas de fogos e no meo deles huns corações ardendo	negro	a tristeza posta por tal arte, que ella mesma insinaua seu nome
Duardos (e Vernao, Belagriz), 238v	branco e negro com troços douro que estremauam hã cor doutra, fortes e louçãas	negro	grifos negros com letras douro no bico que deziã os nomes de quem mas tinham na vontade
Estrelante, 43r	pardo sem nhã louçainha	branco	hã onça tam grande que o ocupava todo
Estrelante (e Belcar), 238v-239r	negro e ouro, fortes e onestas	negro	uns aruores douro
Ferabroca, 172v	azul e ouro	prata	hum liam dourado
Floramão, 24v	negras ... cheas duns rostos de molher que se viam por antre huns arvoredos	negro	outro vulto domem, ... triste, cercado de muitas mortes que mostrauam fogirlhe
Floramão, 25v	verde e branco com Pelicanos douro e pardo que leuauam huns corações no bico	verde	um Pelicano da sorte dos outros
Floramão, 219v	negras ... a sobreuista e deuista ... negra ... a lança e ferro della guarnecida daquella triste cor	negro	a esperança morta

Floramão de Sardenha (e Floriano do Deserto), 239r	azul semeadas dabrolhos douro	negro	a morte com hũa donzella pola mão
Flamiano (e Esmeraldo), 43r	morado e roxo e pintasir-gos de muitas cores	branco	hũas nuues cerradas
Florendos, 58r	negro e branco a coarteirões com flores de prata por ellas	azul	um vulto de molher tirado polo natural Na bordadura dhũa roupa que trazia vestida vinham hũas letras douro que deziã Miraguarda
Floriano do Deserto, 14r	verdes	branco	hum saluaje com dous liões por hũa trella
Floriano, 139r	roxo e encarnado semeadas dabrolhos douro miudos, que quasi as cobria todas, o elmo da propia sorte	azul	huns aciprestes verdes com seus pomos dourados.
Floriano, 231v	ouro e prata esmaltado sobre o ferro a maneira de troços metidos huns por outros e em muitos lugares manchadas de sangue ... a lança ... no ferro hũa bandeirinha branca	prata	o amor preso polos cabellos a hũa coluna douro
Francião, 43r	de fogos	negro	hũas chamas ardendo
Frisol, 43r	roxo com visagras de preto	dourado	hum liam rompente
Germão de Orleães, 43r	folhas daço	prata	o vulto dhũa molher: dos peitos acima tirada pollo natural da fermosa Florenda
Germão de Orleães, 79v	ouro e verde a coarteirões, com mil enuções e galanterias	dourado	hum tigre que desfazia hum ceruo branco
gigantes, 152v	negras	negro	huns corpos mortos
Goarim, 43r	brancas a maneira de nouel	roxo	hum pauam
Graciano, 24r	azul e ouro	verde	hũa donzella co rosto cuberto
Graciano, 43r	verde e branco a coarteirões , cubertas as armas de folhajem das mesmas cores	-	um liam pardo
Graciano, 64v	negras	negro	hum unicornio branco manchado das mesmas cores de negro
Graciano (e Goarim), 239r	branco e verde, as cores estremadas com cordões douro	branco	mares de verde compostas de boninas de muitas cores

Luimão de Borgonha (e Claribalte de Hungria), 43r	brancas	verde	madronhos dourado
Luimão de Borgonha (e Tremorão), 239r	amarelo	amarelo	a tristeza pintada de negro
Maiortes (e Belagriz), 18v	roxo e encarnado entremetido hum por outro	indio	um cão pardo sem outra cousa
Maiortes (e Almourol), 239r	negro ... sen nhũa louçainha	[negro]	goarnecidos de ferro
Onistaldo (e Dramiante), 43r	negro, feitas de folhas daço a maneira descamas denuençam noua	azul	huns mares de prata
Palmeirim de Inglaterra, 13r e 15v-16r	brancas	azul	hũa palma grande que o tomaua quasi todo e estaua abrasada em fogo ... Todo em roda cercado de letras de ouro e preto: postas por tal arte que nam se podiam ler.
Palmeirim de Inglaterra, 20r	pardo picado ... semeadas dabrolhos dourado e negro miudos	azul	a roda da fortuna
Palmeirim de Inglaterra, 71r	negro e branco, a maneira de folhage denuençam noua	branco	a esperança morta tam natural quem tudo o parecia: assi na cor do rosto como no esquecer dos membros, com letras na bordadura do vestido que decrarauam seu nome
Palmeirim de Inglaterra, 100v	pardo com manchas amarellas por ellas: o elmo da mesma sorte	pardo	hum Dragam cuberto de conchas tambem amarelas e as vnhas enuoltas em sangue
Palmeirim de Inglaterra, 115v	branco e pardo partidas a coarteirões, com borboletas dourado por ellas	pardo	hum tigre que antre as mãos espedaçaua hum homem
Palmeirim de Inglaterra (e Florendos), 239r	verde, crauadas de malmequeres dourado e branco	branco	a fortuna lançada de bruços
Platir (e Pompides, Floramão e Blandidom), 43r	negro e cisnes brancos por ellas ... elmos dourados	amarello	a fragoa de vulcano con suas chamas acesas

Platir, 135r	roxo e encarnado com barras douro atravessadas e antremetidas hũas por outras de hũa maneira e enuencam noua	roxo	huns fogos acesos tam naturaes que pareciam mais verdadeiros que fantasticos
Polinardo, 24v	roxo e pardo com pombas de prata: tam sotilmente crauadas, que parecia todo hũa peça	ouro	hũa donzella co rosto virado de maneira que o nam podiam ver
Polinardo, 43r	amarello com muitas esperas espedaçadas por ellas	[amarelol]	outro pedaço despera
Polinardo (e Francião), 239r	verde e roxo cortadas as cores em tiras metidas hũas por outras	verde	Mares de prata
Pompides, 22r	branco e encarnado com ondas de prata	pardo	hum touro branco
Pompides, 180r	verde e roxo com extremos douro	negro	hum touro branco
Pompides (e Platir), 239r	verde compostas de esperança	verde	touros brancos
Primaleão, 11r	verdes e leonado	azul	huns mares sem outra cousa
Primaleão (e Polendos), 238v	brancas sem nhũa louçaynha	branco	a roca partida como Primaliam soya trazer sendo mancebo e andando damores com Gridonia sua mulher
Recindos (e Arnedos), 238v	morado e pardo a quarteirões	pardo	liões rompentes
Rei de Arménia, 239v	pardo com rosas douro miudas	pardo	a aue fenix
Rei de Bitínia (e Argelao), 239v	verde com barras brancas cortadas hũas sobre outras	verde	hum tigre douro de martello crauado em roda, a orla de pedraria de muito preço
Rei de Cáspia (e Rei da Bitínia), 232v	encarnado	negro	hum ceruo branco
Rei de Cáspia, 239v	amarelas manchadas de negro	negro	vna onça coas vnhas enuoltas em sangue
Rei de Etólia, 239v	roxo e morado, ... sem nhum extremo	roxo	hum touro negro
Rei de Gamba, 239v	ouro com extremos de prata	prata	hum liam dourado
Rei de Pártia, 239v	brancas linpas e luzentes sem nhũa composiçam	branco	hum lião espedaçado
Rei de Trapizonda, 232r	verdes, fortes e lustrosas	verde	hum gigante morto

Rei de Trapizonda, 239v	roxo com passarinhos de prata crauados nas armas coas asas abertas	azul	o deos mars pintado ao modo antiguo co rosto feroz e temeroso
Robert Roselim, 193r	ouro e negro	argentaria	o deos Mars cercado de vitorias de outros deoses
Roramonte (e Belisarte), 239r	vermelho sem nhũa outra mestura	sanguino	a esperança morta
Rosirão de la Brunda (como Daliarte), 239r	[brancas sem louçainha nhũa]	vermelho	a semitara de Membrot
Rosuel (e Belisarte), 43r	verde e encarnado a maneira daxedrez crauadas com malmequeres de branco e amarello	azul	hũas lũas mingoadas
Rosuel (e Dramiante), 239r	branco semeadas de rosas douro, tomados os elmos com cordões do mesmo	ouro	cisne branco
Sigeral, 171v	negro e amarelo a maneira de cunhas	negro	o sol sem nhũa mistura
Sultão da Pérsia, 232v	ouro e negro, custosas e louças	ouro	a fortuna en hum carro a maneira de triunfo
Sultão da Pérsia, 239v	verde e branco metidas hũas cores por outras com estremos de pedraria e ouro feitos a maneira de P.	prata	a esperança contente vestida de verde a modo de donzella, na orla do escudo em roda o nome inteiro de polinarda
Tenebror, 43r	verde com papoulas douro	indio	o ylliom de Troya
Tenebror (e Germão de Orleães), 239r	das cores de suas damas	-	-
Tremorão, 32r	negras	negro	hum Liam pardo
Tremorão, 43r	encarnado e pellicanos de prata	indio	hum idolo com hum arco e frechas nas mãos
Trofolante, 176r	pardo com estremos de prata	verde	hũa ydra de muitas cabeças
Vasiliardo, 43r	verde com liões douro miudos	verde	hum aguia coas vnhas enuoltas em sangue
Vasiliardo (e Dirdem), 239r	pardo com florestas daruores	[pardo]	[com florestas daruores]

Composto e paginado
na UNIVERSIDADE ABERTA

Impresso e acabado
na Publidisa Publicaciones Digitales S.A:

1.ª edição – 1.ª impressão – 200 exemplares

Lisboa, Novembro de 2010

Depósito legal n.º 320783/10